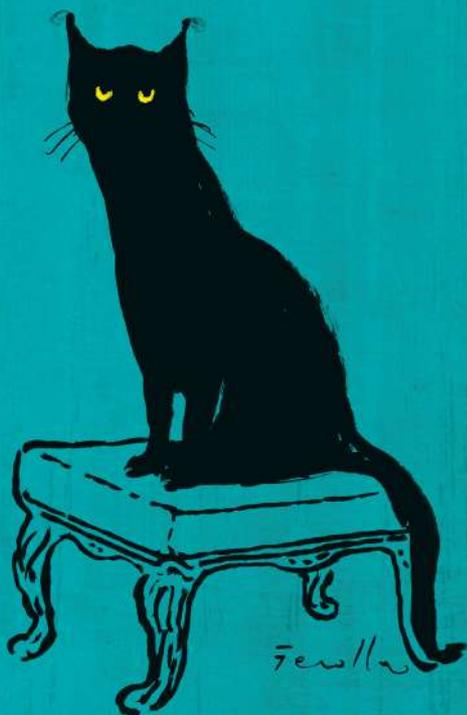


Como domesticar um humano

Guia para o gato moderno

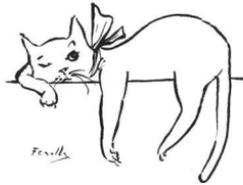


Barbara
Capponi

TOP
SEL
LER

ILUSTRAÇÕES
Andrea Ferolla

ÍNDICE



Prefácio de Daria Bignardi	7
--------------------------------------	---

COMO DOMESTICAR UM HUMANO

Introdução	15
1. Os humanos	19
2. Como seduzir um humano	39
3. O <i>habitat</i>	57
4. Convivência e educação doméstica	73
5. Fixações humanas	109
6. A convivência com os outros	121
Conclusões	135
Agradecimentos	139

PREFÁCIO

de DARIA BIGNARDI

Tinha 5 anos quando comecei a ser domesticada por gatos. O primeiro chamava-se *Micione*. Foi a minha irmã quem o encontrou debaixo de um carro estacionado à frente de casa, em Ferrara, num gélido e enevoado 21 de janeiro, dia que comemoramos desde então como o seu aniversário, muito embora o veterinário nos houvesse dito que já tinha quatro ou cinco meses. Dizíamos frequentemente uma para a outra que o *Micione* era tão inteligente, mas tão inteligente, que abria as latas sozinho. Viveu connosco durante vinte e um anos. Sempre que eu chorava, e chorava com frequência porque era uma menina choramingona, o *Micione* vinha consolar-me, lambendo as lágrimas. Era um gato norueguês majestoso, de pelo comprido, e sempre o considerei um irmão mais velho: falei longamente dele no meu primeiro livro, *Non Vi Lascero Orfani*. Já tinha saído de casa há alguns anos quando o *Micione* morreu, e a minha mãe,

após o seu desaparecimento, adotou o *Alonzo*, um gato cinza-perolado de olhos muito redondos que — segundo eu e a minha irmã — desenvolveu um distúrbio bipolar por morar sozinho com ela.

Atualmente, vivo há catorze anos com o *Barack Obama*, um gato malhado de olhos verdes, alto e magro, que cresceu com o síndrome de *Rebeca*, porque me ouviu dizer desde pequeno, vezes sem conta, que é meigo e bonito, mas não é e nunca será tão inteligente quanto o meu irmão *Micione*. Sempre que o faço, o *Obama* baixa as orelhas com ar irritado, mas suspeito que seja só para me agradar.

Depois de ter vivido bastantes anos com a gata *Janis*, a minha irmã recebeu um outro inquilino há alguns anos, o *Koala*, um gato um tanto ou quanto selvagem proveniente de Goro, uma cidade do delta do Pó. A minha sobrinha Annalena, a filha mais velha da minha irmã, conviveu com a *Cássia* e a *Amélia*, e agora mora com a *Clódia* e o *Lupin*. A minha outra sobrinha, Silvia, cresceu com o *Fëdor*, um grande gato laranja que esteve desaparecido durante dois anos e o qual foi depois incredivelmente encontrado e trazido de volta a casa. Nós os quatro e a minha filha Emilia — que tem alguns ciúmes do *Barack Obama* — temos

um *chat* de família no qual só falamos dos nossos gatos. Trocamos fotografias daquilo que fazem, do que pensamos que dizem, recordamos os gatos que já partiram e, nas suas costas, mexericamos sobre os atuais.

Ao crescer com o *Micione* por perto, tive sempre a sensação de que eram eles os nossos mestres, mas não o havia compreendido de forma tão clara e definitiva como ao ler o livro de Babas.

À semelhança de James Hillman, que no *Código da Alma* escreve que as almas dos recém-nascidos escolhem os pais — para que lhes atrapalhem a vida tanto quanto o necessário e possam um dia tornar-se quem são —, ao ler Babas compreendi que são também os nossos gatos que nos escolhem e, acima de tudo, domesticam.

Neste livro ilustrado com os desenhos maravilhosos de Andrea Ferolla, Babas — com a genialidade digna de um felino — revela as artimanhas com que os gatos nos conquistam.

Como consegui Babas levantar o véu sobre estes segredos?

Ouvi dizer que vive há muitos anos com dois grandes gatos, *Leopoldino* e *Capitão Algazarra*, mas que começou a estudar a linguagem secreta dos felinos quando tinha um gato chamado *Pimlico*,

e antes ainda com o gato *Bobo*, um malhado de focinho redondo que dormia ao seu lado, debaixo dos cobertores com a cabeça na almofada. Na minha opinião, contudo, fica algo mais por dizer. Ninguém consegue compreender assim tão bem um gato se não houver, de alguma forma, um felino dentro de si, e há quem defenda que Babas seria seguramente uma gata: de olhos azuis e pelo branco. Conheci uma pessoa — cuja identidade não posso revelar — que me garantiu que Babas é um gnomo mágico que vive em alguns bosques da Ligúria, e outra que jura a pés juntos que é um menino de 8 anos.

Oficialmente, é uma artista milanesa chamada Barbara Capponi que vive em Roma, mas, cá para mim, esta identidade é apenas um disfarce.

Deixei de me interrogar a este respeito, porque sei como os gatos são cheios de segredos e misteriosos. Aposto que nunca saberemos.

Contento-me em ter tido o privilégio de ler em primeira mão este texto excecional que, de alguma forma, escapou à censura felina.

COMO
DOMESTICAR
UM HUMANO



*Ao Príncipe Leopoldino, ao Capitão Algazarra,
ao Pimlico, ao Bobo, ao Diego, ao Luigino, ao
Pongo, à Amelia, à Marta, à Bicia, ao Tigre,
ao Popò, ao velho Mao, ao Micione, à pequena
Dorrit, ao Apida, ao Balletta, ao Nòcciola, ao
Obama*

*e a todos os gatos que nos honraram com a sua
amizade e consideração.*

INTRODUÇÃO

Vivemos num planeta infestado por humanos, transformado à sua imagem e semelhança.

Sobreviver não é brincadeira: lá fora, o mundo é um lugar difícil.

E quando as coisas se complicam, são os duros que se chegam à frente. Nunca houve tantos humanos na terra, nem tantos gatos.

Parece evidente que sabemos lidar com estas criaturas cuja incrível habilidade é serem frequentemente guiadas pela mais inexplicável idiotice.

Na verdade, são muito fáceis de adestrar. E, considerados individualmente, alguns deles não são assim tão maus.

O que propomos fazer neste manual é fornecer algumas indicações sobre como escolher, domesticar e educar o vosso humano.



1

OS HUMANOS

NOTAS GERAIS SOBRE A ESPÉCIE

Os humanos pertencem à família dos grandes símios. A culpa não é deles.

Como muitos primatas, são criaturas agitadas, barulhentas e equipadas com pernas preênses. Nesta espécie, as patas traseiras são parcialmente atrofiadas pela posição bípede que insistem em manter.

São animais grandes, altos, sem cauda e habitualmente mais desajeitados do que os outros símios; têm uma cabeleira, mais desenvolvida nas fêmeas, e não têm pelos, exceto em zonas absurdas do corpo.

O focinho é achatado, sem ser feio, e a única característica que lembra vagamente um felino são os olhos frontais; têm um grande nariz, quase inútil, e as orelhas não se movem. O macho da espécie costuma ter bigode, que, no entanto, parece não saber usar.

A parte do corpo tecnicamente mais bem-sucedida são as patas dianteiras ou mãos. Estas possuem dedos longos com pequenas garras e movem-se com uma destreza excepcional. Aos nossos olhos, podem revelar-se impressionantes e parecer quase animais com vida própria, mas são instrumentos que combinam força e precisão, pelo que, depois de adestrarem o vosso exemplar, conseguirão compreender as inúmeras vantagens que é ter um par de mãos humanas ao vosso serviço.

A característica mais intrigante destes bípedes é que o seu corpo está coberto *de coisas* que se colam a eles como uma segunda pele e que, por vezes — será uma descoberta arrepiante —, são efetivamente a *pele* de outro animal.

Têm coisas que colocam na cabeça, à frente dos olhos, penduradas no corpo. Em certas ocasiões, as fêmeas da espécie enfiam as patas traseiras em objetos que lhes dificultam até mesmo os mais pequenos movimentos e, quando saem da toca, levam tanta tralha que são necessários uns recipientes especiais chamados *malas*.

Como é fácil imaginar, todas estas bugigangas que os envolvem e dificultam os movimentos em nada beneficiam a sua natural falta de jeito.

A esta obsessão dos humanos pelas coisas chamaremos *coisite*.

A *coisite* ocupa grande parte do tempo da vida destas criaturas, pelo que voltaremos recorrentemente a este assunto.

Apesar de a sua aparência suscitar grande perplexidade, os humanos não devem ser subestimados. Podem ser extraordinariamente inteligentes e não há qualquer motivo de vergonha em admitirmos que muitas das suas habilidades são ainda um mistério para nós. São capazes de modificar as paisagens dos territórios e criar fenómenos inexplicáveis como o fogo, a luz, o atum enlatado e outras maravilhas.

Além de comunicarem com o corpo, como todos os outros animais, os humanos comunicam também verbalmente, como os pássaros, de forma obsessiva e constante.

Foi observado que os dois níveis de comunicação — corporal e vocal — podem ocorrer ainda de formas completamente opostas entre si.

Por exemplo, os humanos podem cumprimentar-se calorosamente com declarações verbais de afeto, enquanto expressam com o corpo aborrecimento e hostilidade; da mesma forma, podem persuadir-vos

verbalmente, prometendo-vos comida, mas aquilo que pretendem é capturar-vos e trancar-vos na caixa de transporte*.

Será importante não esquecer esta dualidade característica da espécie, até porque, como não é inata aos felinos, arriscam-se a ser sempre apanhados de surpresa como se fosse a primeira vez. Os seres humanos são animais sociais e vivem predominantemente em grupos familiares.

Quando as crias atingem a maturidade sexual, por vezes deixam o núcleo de origem e podem juntar-se em pequenos grupos de jovens que partilham a mesma toca.

Com o passar dos anos, tendem a procurar um companheiro e a formar a sua própria família, mas nem sempre. Existem também espécimes solitários e estes são frequentemente os mais propensos a deixar-se domesticar.

Alguns exemplares passam a maior parte das suas vidas dentro das tocas, que são grandes, confortáveis e extraordinariamente desejáveis.

Outros passam a maior parte do tempo à procura de comida e só regressam ao cair da noite. Na verdade, são principalmente caçadores diurnos.

* *Caixa de transporte*: prisão móvel de deportação.

Trata-se de criaturas irrequietas e, assim que entram na toca, estão quase sempre em atividade, ou melhor, a mexer e a olhar para as coisas. Podemos afirmar, sem dúvida, que a visão e o tato são os sentidos mais importantes para estes mamíferos, e há quem acredite que este seja um dos motivos do sucesso que temos junto deles.

Segundo algumas teorias, os utensílios serviam originalmente para facilitar a existência dos humanos. Existem tradições orais que remontam ao tempo em que estes primatas viviam em cavernas. Uma lâmina de sílex e uma lança eram os seus fiéis aliados e podiam salvar-lhes a vida. Hoje, os papéis inverteram-se, e os homens estão ao serviço dos objetos, ocupando-se de centenas de milhares de coisas.

Não é nossa intenção correr aqui o risco de vos aborrecer com demasiadas noções técnicas.

Daremos apenas um exemplo: a alimentação.

Até uma operação teoricamente simples se torna o triunfo da *coisite*.

A comida chega frequentemente à toca já *coisada*, ou seja, irreconhecível. Cortada em pedaços e fechada dentro de objetos que exigem operações

complexas para a extrair, principalmente para quem não tem o polegar oponível.

Depois de retirado, cada pedaço de comida é manuseado, alterado, novamente cortado em pedaços mais pequenos, untado, aquecido, condimentado; basicamente, arruinado. Este processo implica uma série de operações, a utilização de uma quantidade considerável de tempo e de muitas coisas de formas e tamanhos diferentes, entre as quais algumas ruidosas, e outras, verdadeiras fontes de perigo.

Depois de estragar a comida, o humano transporta-a para uma mesa*, sobre a qual colocou várias outras coisas numa ordem específica, chamando-lhe pôr a mesa**, e ali a leva à boca com uma lentidão exasperante, usando alguns destes objetos descendentes da famosa lâmina de sílex.

Esta operação é constantemente interrompida por comunicações vocais, ingestão de bebidas e distrações várias.

Depois de terem comido, os humanos precisam novamente de muito tempo para retirar,

* *Mesa*: uma pequena reprodução de um chão elevado.

** *Pôr a mesa*: espécie de ritual cenográfico, um palco para a comida.

molhar, esfregar e secar cada objeto utilizado, segundo um longo e complexo ritual.

Para esse efeito, existem também inúmeros objetos criados apenas para cuidar de outros objetos, aos quais recorrem constantemente, como a máquina de lavar louça*.

Na prática, graças à *coisite*, uma operação que levaria alguns minutos, como comer, pode demorar várias horas.

Ocupando-se das suas coisas, retirando-as da mesa, lavando-as, guardando-as e falando com elas, gastam assim a maior parte da sua vida. Talvez por ser bastante longa, não saibam bem o que fazer com ela, o que explicaria o sentido da *coisite*.

É inútil negar que os humanos são a espécie mais nociva e perigosa do mundo. Dado o seu elevado número, mas não só, tornaram inabitáveis para as outras espécies quase todos os *habitats*. Por isso, conseguir um espaço de sobrevivência é uma

* *Máquina de lavar louça*: móvel que engole objetos e os cospe depois de os agitar ruidosamente e remover os restos de comida.

conquista que frequentemente só nos está acessível dentro das suas tocas: ao lado deles. É a única forma de sobreviver num mundo dominado pelos humanos. Apenas um degrau acima, mas sem dar muito nas vistas.

Alguns são da opinião de que, por mais que gostemos e nos afeiçoemos a eles, não nos devemos esquecer de que os humanos são animais selvagens: imprevisíveis e potencialmente perigosos.

Em contrapartida, consideramos que o ser humano certo e bem adestrado pode ser um companheiro afetuoso, fiel e merecedor da nossa confiança — enquanto não andar demasiado perto das nossas patas.

FACTOS HISTÓRICOS

Há já muito que os gatos dominavam o planeta quando surgiram os primeiros humanos.

A princípio, foram encarados com desprezo: tratava-se de pequenos grupos de primatas nómadas que atravessavam esporadicamente os territórios dos nossos ancestrais, desenterrando raízes,

recolhendo vegetais, roubando-nos pequenas presas e, conforme vinham, iam embora.

Mais tarde, aprenderam a organizar-se em grupos maiores, tornaram-se caçadores mais habilidosos e passaram a ocupar tocas de forma mais ou menos permanente.

Quando se tornaram sedentários e começaram a acumular grandes quantidades de reservas alimentares, o seu interesse por nós tornou-se cada vez mais perceptível.

Não sabemos quem teve a ideia genial da domesticação, mas, quase certamente, uma vez estabelecido o contacto visual, não deve ter sido muito difícil subjugar o primeiro símio. As técnicas de domesticação foram provavelmente as mesmas desde o início dos tempos e, se mudaram, pouco foi.

A hipótese mais credível é a de que o primeiro humano a ser domesticado era uma fêmea. Com efeito, as fêmeas da espécie são mais sensíveis, inteligentes e rápidas a aprender. É também interessante observar como um recém-nascido humano é sensivelmente do tamanho de um gato. Talvez seja devido a esta semelhança que as mães

demonstram tanto apego às suas crias: porque lhes fazem recordar os gatos.

A devoção que esta espécie nutre por nós chegou ao ponto de nos converter em divindades — um conceito que para nós, felinos, é de difícil compreensão. Conseguem imaginar uma mãe gata onnipotente e eterna? Isto pode dar-vos uma ideia aproximada do que é a divindade, na sua melhor aceção.

Parece que no antigo Egito, na Mesopotâmia, na Índia, mas também no Mediterrâneo, as primeiras sociedades humanas eram matriarcais, adoravam a Deusa Mãe e veneravam-nos como animais divinos.

Os gatos siameses também foram considerados sagrados na Tailândia, daí o Sagrado da Birmânia.

O caso mais conhecido é o da deusa Bastet, no Egito, a personificação da Deusa Mãe no seu aspeto mais doce e maternal, representada com cabeça de gato e corpo humano.

Naquela época, a mumificação, uma prática horripilante destinada a preservar os cadáveres de

personalidades importantes ou consideradas divinas, também estava em voga no Egito. Quando o gato da família morria, era igualmente costume matar o humano que lhe era mais próximo, mumificá-lo e enterrá-lo juntamente com o felino, para que pudesse servi-lo na vida após a morte.

Na cultura humana não há memória deste costume e os símios acreditam na tolice de que tudo se passaria de forma inversa, sendo o gato morto para fazer companhia ao humano falecido.

Como se o facto de a deusa Bastet ter uma cabeça de gato e não uma humana não fosse claro o suficiente.

O facto de os humanos nos terem frequentemente atribuído uma essência divina também teve o seu lado negativo, principalmente durante um período chamado *Idade Média*.

Fêmeas humanas e gatos, especialmente os pretos, eram odiados por machos humanos que, paradoxalmente, se autodenominavam *Sagrada Inquisição* e os caçavam, torturavam, queimavam vivos e massacravam de todas as formas.

A única satisfação é que, depois de exterminar milhões de gatos, chegaram os ratos, trazendo a

Peste Negra e matando vinte milhões de primatas. Ao longo do tempo, a relação entre felinos e humanos passou por altos e baixos, com o auge do sucesso no antigo Egito e o auge do fracasso na Idade Média, na província de Vicenza, onde ainda hoje, ao que parece, alguns segmentos da população se alimentam de carne felina.

No entanto, trata-se de uma longa parceria e de uma história ainda por escrever.

ADESTRAMENTO E DOMESTICAÇÃO

Existem diferentes níveis de adestramento.

O nível básico, diríamos primordial, consiste em garantir que os alimentos sejam trazidos regularmente aos locais combinados, geralmente por uma fêmea da espécie. Esta prática não requer grandes habilidades, mas também não oferece garantias de continuidade e, acima de tudo, qualidade.

O que consideramos o nível mais avançado — e é esse que nos interessa e ao qual nos referimos neste manual — consiste em adestrar

perfeitamente um ou, melhor ainda, vários humanos, tomando posse do seu território, tornando-nos o seu monarca absoluto e desfrutando de todas as mordomias.

O magnífico exemplo do estatuto a que aspiramos é dado pelo Príncipe Leopoldino, um gato de extraordinária beleza e inteligência que, com um só olhar, consegue que um dos seus símios lhe abra a porta, uma embalagem de ração ou uma fonte de água corrente, consoante seja o capricho do momento.

É este o espírito que gostaríamos de transmitir aos nossos alunos.

ESCOLHER UM HUMANO

É possível que aqueles que nasceram numa toca humana a partilhem com animais já semiadestrados pelos vossos predecessores. A coisa mais simples é: escolher o indivíduo mais fraco como dispensador de comida, e o que mais vos agrade, como dispensador de amor. Se os dois coincidirem, melhor ainda.

Vivemos num planeta infestado de humanos e alterado à sua imagem e semelhança. É uma espécie perniciososa, mas inegavelmente habilidosa e capaz – ainda que os motivos que a movam sejam muitas vezes incompreensíveis aos nossos olhos felinos. Mas, se é verdade que nunca houve tantos primatas na terra, o mesmo vale para os gatos: e é claro que sabemos lidar com estes bípedes que, na verdade, são muito fáceis de treinar.

Dormir sobre eles, obrigando-os a ficar em posições desconfortáveis por muito tempo; guiá-los passo a passo ao armário dos biscoitos; acordá-los a meio da noite sem motivo aparente; por detrás destas e de outras ações que podem parecer aleatórias, escondem-se técnicas precisas de domesticação.

E se tiver a sorte de poder domesticar o seu espécime desde filhote, conquistará o melhor e mais fiel companheiro que poderia desejar.

Com uma engenhosa inversão de perspetiva, a autora oferece-nos um olhar privilegiado sobre a relação entre felinos e humanos e revela a arte com que, desde a aurora dos tempos, os gatos nos escolhem, nos conquistam e acabam por nos domesticar.

**Delicioso, perspicaz e irresistível:
uma pequena obra-prima.**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 topseller.suma

 penguinlivros

ISBN 9789896238834



9 789896 238834 >